



---

## Reconfigurações do capitalismo e do trabalho: novas formas de dominação em contexto de trabalho imaterial

### Reconfigurations of capitalism and labor: new forms of domination in the context of immaterial labor

#### *Pedro Dionizio de Mello*

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: [p.mello07@gmail.com](mailto:p.mello07@gmail.com)

#### *Rafael Ferrari da Silva*

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autor principal.

E-mail: [rafael.ferrari4@gmail.com](mailto:rafael.ferrari4@gmail.com)

#### **Resumo**

O saber e a subjetividade dos trabalhadores têm-se tornado parte significativa da esfera produtiva, fazendo com que competências humanas como comunicação, organização, cooperação e capacidade de resolver problemas sejam incorporadas às atividades laborais. Para acompanhar esse processo, apoiamos-nos em quatro teóricos: Camargo (2011), Gorz (2003) e Negri & Lazzarato (2001). Assim, a demanda do capitalismo por um novo ideal de trabalhador será interpretada sob o ponto de vista de novas formas de dominação, mais complexas e que requerem um olhar para além do espaço e tempo tradicionais de trabalho. Como as competências humanas são requisitos para o desenvolvimento de atividades laborais mais complexas típicas da nova economia, e sabendo que esses aspectos são adquiridos no cotidiano, os espaços e tempos de lazer acabam ganhando bastante interesse. O tempo além do trabalho acaba tornando-se um novo sustentáculo de dominação, expandindo-a para além do expediente por meio de uma subjetividade que estará envolvida no trabalho. Como objetivo geral, buscamos observar como essas metamorfoses impactam na vida dos trabalhadores a partir de novas formas de dominação, contextualizada no caso de empreendedores e trabalhadores na área da economia do conhecimento. Quanto ao método, a pesquisa realizou entrevistas semiestruturadas, levando em conta a subjetividade de cada um para entender o contexto inserido. Nesse sentido, a questão da dominação instiga a pensar como novas formas de dominação associadas ao capital se apropriam da vida em sua totalidade, tendo como uma hipótese inicial uma maior dificuldade de separação de espaços e tempos de trabalho e não trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho Imaterial. Dominação. Tempos e espaços de não trabalho. Reestruturação produtiva; Subjetividades.

#### **Abstract**

Workers' knowledge and subjectivity have become a significant part of the productive sphere, making human skills such as communication, organization, cooperation, and problem-solving skills incorporated into work activities. To accompany this process, we rely on four theorists: Camargo (2011), Gorz (2003) and Negri & Lazzarato (2001). Thus, capitalism's demand for a new worker ideal will be interpreted from the standpoint of new, more complex forms of domination that require a look beyond the traditional space and time of labor. As human skills are requirements for the development of more complex labor activities typical of the new economy, and knowing that these aspects are acquired in everyday life, the spaces and times of recreation end up gaining a lot of

interest. Time beyond work ends up becoming a new mainstay of domination, expanding it beyond the ordinary through a subjectivity that will be involved in the work. As a general objective, we seek to observe how these metamorphoses impact the life of the workers from new forms

of domination, contextualized in the case of entrepreneurs and workers in the area of the knowledge economy. As for the method, the research carried out semi-structured interviews, taking into account the subjectivity of each one to understand the inserted context. In this sense, the question of domination instigates to think how new forms of domination associated with capital take over life in its totality, having as an initial hypothesis a greater difficulty of separability of spaces and times of work and not work.

**Keywords:** Intangible Work. Domination. Times and spaces do not work. Productive restructuring; Subjectivities.

## Introdução

O trabalho imaterial é um fenômeno ainda recente e pouco estudado, principalmente no contexto brasileiro. Mesmo assim, os autores que se propõem a analisar as metamorfoses do capitalismo e do trabalho realizam um trabalho qualificado, baseando-se em teóricos e contextos passados para apontar as novas formas de dominação e resistência na contemporaneidade. Para interpretar esse processo contextualizado em um contexto empírico, apoiamos-nos em quatro teóricos do imaterial, sendo um brasileiro: Sílvio Camargo (2011), André Gorz (2003) e Negri & Lazzarato (2001).

Na primeira parte, fazemos uma análise contextual do trabalho imaterial, apontando o início de um debate sobre as transformações do sistema capitalista que culminaram no desenvolvimento e aprofundamento de teses acerca deste “novo cenário”. Assim, através de uma breve revisão de literatura, chamamos a atenção para algumas transformações ocorridas no capitalismo mundial nos últimos trinta anos que criaram as condições para a expansão das atividades econômicas imateriais.

Em seguida, buscamos definir o trabalho imaterial, apontando os principais conceitos que os teóricos usam para caracterizá-lo. A definição de trabalho imaterial não é algo simples e frequentemente há confusões em torno do conceito, como diz Camargo<sup>1</sup>. As características principais vão dizer respeito às qualidades subjetivas, como comunicação, cooperação e saberes.

Já na terceira parte está, talvez, a fração mais importante do artigo: novas formas de dominação. As análises dos autores em relação ao trabalho imaterial objetivam, principalmente, enxergar formas de dominação que antes não existiam, ou que se complexificaram. Dessa forma, ver-se-á que o trabalho imaterial requer uma análise em conjunto com a esfera cultural, analisando as

---

<sup>1</sup> Para ver mais, acessar a entrevista concedida à Unisinos sobre Trabalho Imaterial: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/507815-trabalhoimaterialeapropriacaodasubjetividadehumana-entrevistaespecialcomsilviocamargo>>.

extensões do capital para outras esferas da vida de não trabalho. Capital humano será um conceito bastante importante para compreender as novas formas de dominação, pois a partir dele são geradas justificativas que orientam uma série de investimentos prévios na força de trabalho por parte, principalmente, dos próprios trabalhadores.

Por fim, apresentamos a descrição e análise dos resultados da pesquisa de campo. Tendo como base o conceito de “trabalho imaterial”, investigamos quatro categorias de análise: “Saberes”, “Empreendedorismo”, “Flexibilidade de tempo e espaço” e “Estratégias de uso de tempo e espaço de não trabalho”. Dessa forma, o objetivo central tratado neste artigo consiste em identificar e analisar as novas formas de dominação ligadas, principalmente, ao tempo de não trabalho, conectando-o à lógica racional econômica constante da vida, presente neste cenário emergente do trabalho imaterial. Busca também identificar as formas de resistência mobilizadas pelos trabalhadores diante de um contexto de novas formas de dominação.

A discussão é orientada com base na experiência de cinco profissionais autônomos do setor de serviços (comércio varejista de móveis planejados, assessoria jurídica e tradução) na cidade de Porto Alegre. A cidade pode ser considerada uma referência no quesito de criatividade e conhecimento, uma vez que abriga, segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC)<sup>2</sup>, a melhor universidade federal do país, além de dispor de importantes parques tecnológicos. Embora as atividades econômicas analisadas guardem diferenças entre si, todas têm em comum um intensivo nível de conhecimento imbuído em suas operações laborais, elemento típico do trabalho imaterial.

Serviços típicos do trabalho imaterial, como jogos eletrônicos, publicidade online e vídeos sob demanda, despontam entre os segmentos que mais crescem no Brasil. Em 2015, o setor baseado em cultura, por exemplo, movimentou R\$ 155 bilhões no Brasil, empregando 850 mil profissionais. Até 2021, a perspectiva de crescimento é de 4, 2% (ESTADÃO, 2018). O papel crescente de atividades como publicidade, literatura, música popular, rádio, cinema e televisão na vida social é reforçado pela consolidação econômica atual do setor baseado em conhecimento e cultura, que aporta ao PIB dos países ocidentais mais do que a indústria de bebidas, alimentos e construção (YUDICE, 2002). Esses dados indicam que o trabalho imaterial constitui, hoje, uma força produtiva relevante no mundo do trabalho, merecendo estudos que investiguem novas formas de dominação e resistência geradas nesse campo social.

### **Capitalismo em transição: as condições de emergência do trabalho imaterial**

---

<sup>2</sup> Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-permanece-como-a-melhor-universidade-federal-no-indice-geral-de-cursos>

A esfera do trabalho tem passado por diversas mudanças nas últimas décadas, tornando sua própria natureza mais complexa e transformando também o perfil dos trabalhadores. Um novo estágio do capitalismo mundial, segundo Camargo (2011), iniciou em meados da década de 1970, na chamada “reestruturação produtiva”.<sup>3</sup>

Até o final de 1970, o padrão de desenvolvimento econômico capitalista estava centrado, em grande medida, nas inovações ocorridas nos setores de química, eletricidade, fundição do aço e também nos métodos de organização do trabalho baseados no taylorismo. Era também o período do Estado de bem-estar social nos países capitalistas europeus centrais (que perdurou de 1945 até 1973), bem como do crescimento explosivo das indústrias de produção em massa encabeçadas por grandes empresas geradoras de bens de consumo duráveis e padronizados.

No entanto, a partir do final da década de 1970, o Estado social e o seu padrão de desenvolvimento econômico começam a entrar em crise. Na análise de Dos Anjos e Farah Jr. (2002), uma queda vertiginosa de demanda associada a um elevado índice de desemprego resultaram em um aumento da capacidade ociosa das empresas, em níveis maiores de estoque e do índice de preços de produtos. No setor energético, ocorre a crise do petróleo em 1973; já no plano demográfico, o aumento da expectativa de vida incide nos custos da previdência social. Assim, na década de 1980, chefes de Estado alegam não ser mais possível mais sustentar o chamado Estado previdência.

O primeiro país a abandonar tal modelo de desenvolvimento foi a Inglaterra, no governo de Margareth Thatcher, reformando amplamente a esfera do trabalho com base na sua desregulamentação e flexibilização. Já no final dos anos 1980, verifica-se um novo fenômeno ainda em curso que pode ser descrito como uma terceira Revolução Industrial, ou, nas palavras de Manuel Castells (1999), uma “revolução das tecnologias da informação”. E é justamente através da emergência das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) que o padrão de desenvolvimento econômico e organizacional passa a ser reestruturado. O sistema econômico continua capitalista, mas seu motor agora está centrado no processamento, na manipulação e conversão do fluxo de informação disseminado pelas TICs em instrumentos úteis à inovação de bens e serviços em um mercado global organizado em redes de produção e informação. Paralelamente a isso, nota-se a desintegração vertical das empresas, visando ao aumento da competitividade com base

---

<sup>3</sup> Diferentes designações e interpretações foram dadas para as transformações deste período histórico – como “sociedade pós-industrial” (BELL, 1977), “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) “capitalismo tardio” (JAMESON, 1997), “capitalismo cultural” (RIFKIN, 2001) e “capitalismo cognitivo” (GORZ, 2004). Apesar das diferenças interpretativas entre os autores, todos convergem na asserção de que houve transformações significativas na esfera do trabalho a partir da década de 1970, trazendo consigo novas consequências e a necessidade de novas análises sobre este período.

na flexibilidade organizacional. Nas palavras de Castells, esse processo socioeconômico de intensas mudanças pode ser descrito da seguinte forma:

um processo de profunda reestruturação caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento; descentralização das empresas e sua organização em redes tanto internamente quanto em suas relações com outras empresas; considerável fortalecimento do papel do capital *vis-à-vis* o trabalho, com o declínio concomitante da influência do movimento dos trabalhadores; individualização e diversificação cada vez maior das relações de trabalho; incorporação maciça das mulheres na força de trabalho remunerada, geralmente em condições discriminatórias; intervenção estatal para desregular os mercados de forma seletiva e desfazer o estado do bem-estar social com diferentes intensidades e orientações, dependendo da natureza das forças e instituições políticas de cada sociedade; aumento da concorrência econômica global em um contexto de progressiva diferenciação dos cenários geográficos e culturais para a acumulação e a gestão de capital. (CASTELLS, 1999, pp. 21 e 22)

A partir da reestruturação produtiva, as atividades econômicas passam a se concentrar em um ciclo de três esferas: grande indústria, serviços e trabalho imaterial (NEGRI, 2011).

Na grande indústria, o que impera é a informação, que vai dar a base para a empresa e sua economia. É ela que vai assegurar o controle das matérias-primas, a venda e a relação com os consumidores. Negri (2001) vai dizer que, para a maioria das empresas, a sobrevivência passa pela pesquisa constante de novas aberturas comerciais, sendo elas que levam à definição de uma gama de produtos mais amplos ou diferenciados. Desse modo, a mercadoria dessa época denominada como pós-industrial é determinada pela relação do produtor e consumidor.

Na esfera de “serviços”, destacam-se os consumidores agindo de forma ativa na constituição do produto. A inovação dependerá dos consumidores, e por isso irá aumentar o “front-office”, que são as relações com os clientes, que acabam por deslocar a pesquisa humana em direção ao exterior da empresa. Com isso, torna-se mais difícil definir as normas de produção dos serviços e estabelecer uma medida “objetiva” da produtividade (NEGRI, 2001).

Por fim, na esfera do trabalho imaterial são ativadas novas formas e condições de comunicação (seja de cooperação produtiva dentro da empresa, seja de relação entre consumidor e produtor), dando forma e materializando as necessidades, o imaginário e os gostos do consumidor (NEGRI, 2001, p. 45-46). Uma vez que o trabalho imaterial passa a ter uma participação ativa no ciclo de produção, o consumismo também será estimulado por ele, transformando-se num “processo de trabalho”, ou seja, dispositivos específicos, como publicidade e marketing, dão impulso ao consumo e estimulam a subjetividade em um instrumento ativo:

Se a produção é hoje diretamente produção de relação social, a “matéria-prima” do trabalho imaterial é a subjetividade e o “ambiente ideológico” no qual esta subjetividade vive e se reproduz. A produção de subjetividade cessa, então, de ser somente um instrumento de controle social e torna-se diretamente produtiva, porque em nossa sociedade pós-industrial

o seu objetivo é construir o consumidor/comunicador. E construí-lo “ativo”. Os trabalhadores imateriais (publicidade, moda, marketing, tv, informática) satisfazem uma demanda do consumidor ao mesmo tempo que a constituem. O fato de que o trabalho imaterial produz ao mesmo tempo subjetividade e valor econômico demonstra como a produção capitalista tem invadido toda a vida e superado todas as barreiras que não só separavam, mas também opunham economia, poder e saber. O processo de comunicação social torna-se aqui diretamente produtivo porque em certo modo ele “produz” a produção. (NEGRI, 2001, p. 46 – 47).

Nesse contexto de profundas transformações, emergem a valorização e a demanda de profissões com grande conteúdo de conhecimento em suas operações técnicas. Com isso, o trabalhador vem se tornando, cada vez mais, uma espécie de empreendedor de si próprio, dependente de autoinvestimentos para poder inserir-se na lógica do capital humano demandado pelo mercado de trabalho. Tomando o exemplo de profissões como o marketing e a publicidade, vemos que eles são a base de uma produção da riqueza erigida sob símbolos e imagens, ao mesmo tempo que adentram o espaço de vida dos trabalhadores em todos os seus momentos de não trabalho e lazer (CAMARGO, 2011). A penetração do trabalho em outras esferas da vida que não o trabalho foi justamente o mote que nos instigou, então, a responder às seguintes questões que orientam a parte empírica deste artigo: como as metamorfoses ocorridas na esfera do trabalho impactam na vida dos trabalhadores a partir de novas formas de dominação? Quais as formas de resistência mobilizadas pelos trabalhadores diante de um contexto de novas formas de dominação?

As análises a respeito dessas mudanças ganham mais corpo com a Teoria Crítica Contemporânea, que dão mais ênfase de pesquisa em torno da vida cotidiana. De acordo com Camargo (2011), a pesquisa sociológica se daria com o intuito de diagnosticar os processos de dominação em uma esfera além do trabalho, ou seja, a esfera cultural. O atual estágio do capitalismo se encontraria com novas formas de dominação e sociabilidades, marcadas pela junção entre esferas Cultural, Consumo e Trabalho Imaterial, como veremos a seguir na conceituação de trabalho imaterial.

### **Caracterizando o trabalho imaterial**

Na fabricação de um bem material, sempre há um componente de saber necessário para concebê-lo, seja na produção industrial, seja no setor de serviços. Gorz (2003) dirá que não se trata de conhecimentos técnicos específicos aprendidos visando à execução de um trabalho, pelo contrário, trata-se do saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação, características de um saber vivo adquirido no trânsito cotidiano e que pertencem à

esfera da própria vida. O trabalho imaterial se refere desse modo a qualificações subjetivas dos trabalhadores, que fazem parte da mercadoria e, além disso, lhe atribuem valor.

Assim, “o modo como os empregados incorporam esse saber não pode ser nem predeterminado nem ditado. Ele exige o investimento de si mesmo, aquilo que na linguagem empresarial é chamado de ‘motivação’” (GORZ, 2003, p.9). Trata-se de um saber que escapa à possibilidade de formalização, que é aprendido pela prática e pelo costume. Desse modo, continua Gorz, toda produção passa a se assemelhar a uma prestação de serviços, deixando de ser mensurável em unidades de tempo, como afirmava a teoria marxista, e passando a ser valorizada pelo componente comportamental e motivacional, surgindo, daí, o conceito “capital humano”. Ele será formado pela inteligência, imaginação e o saber que, juntos, constituem o capital humano. Esse saber é feito de experiências e de práticas intuitivas, ou seja, hábitos.

Ao contrário da indústria “taylorizada”, quando os trabalhadores só se tornavam operacionais depois de serem despojados dos saberes, das habilidades e dos hábitos do cotidiano, o período denominado pós-fordismo integra todos esses saberes, devendo o trabalhador entrar no processo de produção com toda a bagagem cultural que eles adquiriram nos jogos, esportes, lutas, disputas, música, teatro, sendo nessas atividades fora do trabalho que serão desenvolvidas sua vivacidade, capacidade de improvisação e cooperação (GORZ, 2003). O que irá contar nesse período, portanto, são as qualidades de comportamento que expressam imaginação e o envolvimento pessoal nas tarefas. Assim, “o trabalhador não se apresenta mais apenas como um possuidor de sua força de trabalho, mas como um produto que continua, ele mesmo, a se produzir” (GORZ, 2003, p. 22).

No capitalismo cognitivo de Gorz (2003), o trabalhador passa a ser uma espécie de empreendedor de si mesmo, dependente de auto investimentos e qualificações cada vez mais intelectualizadas e simbólicas. Dessa forma, o trabalhador estará em constante aprendizado, além dos saberes que já possui do cotidiano. Essa entrega acaba por se tornar uma “produção de si” que se dará por meios culturais e cotidianos, como educação, cuidados médicos, assistência, moda, design e publicidade.

Tratando-se da “fabricação” desses produtos no dito capitalismo cognitivo, Gorz (2003) sustentará a tese de que o serviço será como uma mercantilização de um saber objetivado. Porém o imaterial não se reduz apenas ao resultado do trabalho, mas, principalmente, se refere ao conteúdo da atividade do trabalho que passa a determinar a valorização da mercadoria (CAMARGO, 2011). É assim que o sociólogo dirá que o preço depende mais dos atributos simbólicos do que materiais, citando como exemplo um tênis da marca Nike, que envolve uma complexa rede de valorização

cognitiva desde os processos de inovação em design, publicidade, informações de mercado e consumidor, entre outros. O trabalho imaterial se refere desse modo a qualificações subjetivas que passam a ter um papel central no processo de valorização das mercadorias <sup>4</sup>(CAMARGO, 2011).

Portanto, o trabalhador passa a utilizar não apenas sua força mecânica com gestos repetitivos, mas também seu saber e subjetividade formada ao longo da vida. Esses fatores incidirão diretamente na valorização da mercadoria, dependendo de um envolvimento desse trabalhador com seu serviço por meio de sua criatividade, imaginação e espontaneidade. A valorização vai se relacionar qualitativamente com as atividades de criação e estratégia, como publicidade e marketing, revelando, assim, a participação da subjetividade e, com isso, o total envolvimento do trabalhador com seu trabalho. Como forma de detalhar esse processo, abordaremos a seguir o conceito de racionalidade econômica.

### **A vida imersa na racionalidade econômica: novas formas de dominação na contemporaneidade**

Como visto, passamos por transformações na esfera do trabalho que, por consequência, veio acompanhada de novas análises que adentram na vida cotidiana como um todo. Porém o trabalho imaterial não eliminou, segundo Camargo (2011), as formas de dominação engendradas pela modernidade, mas as aprofundou na denominada sociedade pós-industrial. Essas novas formas de dominação presentes no trabalho imaterial tornam os gestos aparentemente inocentes em base de produtividade, exigindo um olhar mais crítico e atento às relações micro. Os trabalhadores dessa nova época transformaram seu tempo de não trabalho em novos sustentáculos de um novo estágio de acumulação. Como o trabalho imaterial caracteriza-se, principalmente, por atividades relacionadas aos saberes, e sabendo que eles são adquiridos na vida cotidiana, o tempo e o espaço de não trabalho ganham uma nova importância, principalmente relacionando-se à esfera do consumo.

De acordo com Camargo (2011), o capitalismo é o reflexo de um mundo completamente administrado que, agora, passa a prolongar a sua antiga dominação e atingindo, mais do que antes, a

---

<sup>4</sup> Importante destacar que essa perspectiva não é unívoca nas discussões teóricas sobre trabalho imaterial. Amorim (2014) sustenta que trabalho manual e trabalho imaterial não se opõem dicotomicamente, pois toda atividade humana fundamenta-se em um processo onde as subjetividades são exteriorizadas em um modo específico de produzir. Em outras palavras, toda atividade humana depende de graus de intelectualização variados. Além disso, o autor critica a ênfase dado pelos teóricos do imaterial ao trabalho concreto e seu conteúdo em detrimento do trabalho abstrato enquanto elemento regulador das trocas mercantis. Assim, “não importa a particularidade dos trabalhos concretos, mas sim como, com base neles, é possível aumentar a produtividade do trabalho abstrato para a valorização do capital” (AMORIM, 2014, p.36).



própria alma do trabalhador. O mundo da vida, caracterizado pelo tempo livre e as experiências culturais e cotidianas, passam a produzir certo tipo de valor ou riqueza.

Daí a importância de Negri & Lazzarato (2001) recorrerem à terceira fase do pensamento do filósofo Michel Foucault. Para eles, a subjetividade que anda junto com o imaterial não se refere a uma sociedade disciplinar, mas sim à sociedade de controle, sendo este o ponto para compreender a relação entre subjetividade e trabalho imaterial e levando à importância do conceito *foucaultiano* de biopoder. Nele, há uma forma de poder que regula toda a vida social, acompanhando-a, interpretando-a, observando-a, e a rearticulando (CAMARGO, 2011).

Essa regulação total da vida está diretamente relacionada à forma de dominação capitalista nesta fase que se caracteriza com o conceito de capital humano de Gorz (2003). Já não lidamos mais com um trabalhador que vende sua força de trabalho e é alienado neste processo, e sim com um trabalhador que deve adquirir um montante de saberes e competências que se referem à própria vida cotidiana, ou seja, qualificações. E esse tempo livre, ou de não trabalho, passa a ser um tempo de formação de capital humano e, portanto, torna-se economicamente racional e, assim, sendo bastante difícil a distinção entre as duas esferas – tempo de trabalho e tempo de não trabalho:

Pensemos assim sobre este tempo livre ou de não trabalho. Em primeiro lugar, a formação do chamado capital humano, que tende a substituir a figura do trabalhador assalariado, depende diretamente do que os indivíduos fazem fora de seu tempo de trabalho: estudar, fazer cursos de aperfeiçoamento, aprender uma nova língua estrangeira, praticar esportes, fazer trabalhos voluntários, investir em cuidados com a aparência pessoal, ser comunicativo e sociável nos momentos de lazer, fazer experiências turísticas, adquirir conhecimentos culinários, etc. (CAMARGO, Sílvio César, 2011, p. 120).

Esse tempo de não trabalho que também passa a possuir racionalidade econômica trata-se de uma nova forma de exploração, não necessariamente extração direta de mais-valia, e sim de uma espécie de autoexploração. O capital humano precisará estar em constante formação, investindo tempo e dinheiro e mobilizando recursos simbólicos. Essa formação nem sempre corresponde à posse de dinheiro, mas sim de “cultura”. Camargo (2011) cita o conceito de capital cultural, do sociólogo Pierre Bourdieu, que se refere a recursos que não são necessariamente vinculados à esfera econômica, mas a esferas de distinção social, como gosto estético e qualificações culturais, podendo ser objetivado em músicas, filmes, imagens, moradias, alimentação, além de cursos de qualificações em determinadas áreas de trabalho.

Dessa forma, Gorz (2003) diz que no lugar da exploração entram a autoexploração e a autocomercialização do “Eu S/A”, tornando a pessoa uma própria empresa. É assim que o capital consegue exercer poder sobre os trabalhadores numa quase totalidade: empregados precisam se tornar

empresas e responder pela sua rentabilidade dos serviços, além de serem forçados a internalizar a pressão e briga pela concorrência. Com o autoemprego, a transformação em trabalho de toda vida e de toda pessoa podem finalmente ser realizadas, e a vida passa a se tornar o capital mais precioso (GORZ, 2003). Diluem-se as limitações entre as fronteiras de espaços de trabalho e não trabalho, justamente porque o tempo da vida se reduz inteiramente sob a influência da racionalidade econômica. Toda a atividade deve tornar-se um negócio e tudo deve se tornar mercadoria; a venda do si se estende a todos os aspectos da vida.

A figura objetivada dessas novas formas de dominação pode ser encontrada melhor e mais claramente na figura no trabalhador “autônomo” que Bologna (1996) pesquisou no contexto francês da década de 1980. De acordo com as descrições da organização do trabalho no pós-fordismo de Bologna, deduz-se que está havendo uma “autonomização” do próprio trabalho. O autor cita algumas características, como a continuidade temporal e espacial do processo de trabalho e a substituição da remuneração salarial pela forma de renda. Assim, a jornada de trabalho tende a não ter mais horário e espaço fixo, fazendo com que os trabalhadores autônomos trabalhem sempre.

### **Procedimentos metodológicos**

Sabendo-se que esse contexto de trabalho imaterial encontra similaridades no trabalho autônomo, a pesquisa centrou-se em cinco entrevistas com agentes inseridos nesse cenário. Duas entrevistas foram realizadas autonomamente e três pela orientadora de pesquisa Cinara L. Rosenfield.<sup>5</sup> As duas referem-se a um dono de uma loja de móveis planejados e um advogado com escritório; as outras três referem-se a tradutoras/intérpretes. Apesar de haver uma heterogeneidade em relação às profissões, elas convergem no sentido da mobilização de conhecimentos e saberes objetivados nas atividades laborais, além de tempos e espaços mais flexíveis. Foi levado em conta, ainda, o ambiente competitivo, que exige constante aprendizagem e autoqualificação e marketing próprio para se manter no mercado. Os dados foram coletados a partir de técnicas qualitativas com entrevistas individuais semiestruturadas. Essas entrevistas tiveram duração média superior a 30 minutos, sendo gravadas com a autorização dos entrevistados e depois transcritas. A análise dos dados tomou as categorias prévias do estudo sobre trabalho imaterial: saberes, autoemprego, flexibilidade e resistências.

---

<sup>5</sup>Professora Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFRGS  
RECONFIGURAÇÕES DO CAPITALISMO E DO TRABALHO... | Pedro Dionizio de Mello | Rafael Ferrari da Silva 92

## Descrição e análise dos dados

Os sujeitos da pesquisa têm as seguintes características gerais: três são do sexo masculino e dois do sexo feminino. Quanto à escolaridade, um possui ensino médio e o restante tem, no mínimo, graduação completa. As idades variam de 28 anos até 63 anos, sendo quatro deles com idade entre 28 e 34. Quanto ao estado civil, duas são solteiras, dois têm algum tipo de relacionamento e um é viúvo. Outras informações: todos os entrevistados trabalham com horários flexíveis durante os dias da semana, ou seja, eles são donos do próprio expediente e decidem quando trabalhar. O uso dos saberes adquiridos a partir das vivências ao longo da vida é uma realidade no cotidiano dos trabalhadores autônomos. Todos entrevistados possuem algum tipo de saber que vai além do necessário para realizar as suas atividades laborais. Esses saberes referem-se às diversas necessidades que o trabalho autônomo demanda, como marketing, contabilidade, tecnologias, etc. Nesse sentido, o Advogado 1 diz:

“E o empreendedorismo é um conhecimento ampliado de várias coisas, tá? Por exemplo, no meu caso, eu sou advogado e tenho que ter o conhecimento da lei, mas tenho que ter o conhecimento de como ter o respeito com a pessoa, ter o conhecimento de gestão, ter o conhecimento de otimização, né?”

Além disso, há os saberes que se referem ao próprio trabalho realizado, como no caso da Tradutora 3, que afirma ter aprendido o inglês por causa dos grupos musicais que ela gostava e ouvia. O dono da loja de móveis afirma que o conhecimento de máquinas antigas lhe possibilitou abrir um negócio relacionado às novas máquinas IBM. Percebe-se, então, que há um acúmulo de saberes que vão sendo objetivados no trabalho, além de saberes que se referem à preservação e ampliação no mercado de trabalho.

Junto a isso se encontra a categoria “autoempreendedorismo”, que se refere à responsabilização autônoma da trajetória de trabalho, marcada também pela necessidade de outros saberes além dos específicos da sua atividade laboral. O dono da loja de móveis diz que era ele quem coordenava todas as atividades da empresa, como o marketing e a publicidade, e vagamente contratava alguma agência para realizar esse papel. As tradutoras 1 e 2 destacam a presença nas redes sociais como forma de obter trabalho e se autopromover, como uma espécie de automarketing. Nesse sentido, as TICs mostram-se como instrumentos necessários que fazem parte da rotina dessas trabalhadoras. Os congressos, concursos e até mesmo encontros casuais mostram-se como instrumentos de socialização e divulgação de trabalhos. A partir disso, formam-se redes de tradutores que se divulgam e repassam trabalhos uns para os outros.

Os saberes referentes à administração da renda também se fazem presentes em todos entrevistados. Todos esses trabalhadores precisam ter algum tipo de conhecimento a respeito de contabilidade. Microempresa, Microempreendedor individual, Pessoa Jurídica, entre outros, são conceitos recorrentes presentes nas entrevistas. Há também a necessidade de controle e previsão dos gastos, visto que se trata de renda e não salário fixo. Paralelo a isso, o trabalho autônomo possui, como uma das principais características, a flexibilidade. É o próprio trabalhador que determina seu expediente, seu espaço e seu lazer. Apesar dos teóricos apontarem uma maior confusão de espaços e tempos de trabalho e não trabalho, os entrevistados convergem no sentido oposto: delimitam seus horários de maneira mais rígida a partir de uma organização própria. Ainda assim, a jornada de trabalho desses trabalhadores autônomos se mostra mais intensa, exigindo maior envolvimento e disponibilidade. As TIC's, novamente, se mostram bastante presente nos discursos, como no caso da tradutora 3: “Às vezes, não é tanta liberdade (...) na minha ex-empresa, eles mandavam trabalho das 9 às 18h. Eu sei que se eu receber alguma coisa eu tenho que entregar nas próximas horas” Dessa forma, a disponibilidade depende, principalmente, das tecnologias, pois é a partir delas que se recebem (e enviam) os trabalhos demandados. Como analisa Castells (1999), as TICs permitem o estabelecimento de processos de gestão totalmente interativos, envolvendo coordenação simultânea entre diferentes pessoas situadas a uma grande distância, o que inviabiliza um desprendimento total do trabalho mesmo em períodos de não trabalho. No caso da intensificação laboral, a fala do dono da loja de móveis esclarece bem esse fato: “Aí tu conhece a pressão, começa a te desgostar. Cara, eu não trabalhava sábado, aí tu começa a trabalhar sábado. E aí dezembro tem que trabalhar domingo também, entendeu?” A partir desse maior envolvimento subjetivo com o trabalho que a categoria “resistência” se faz necessária, instigando compreender formas de lazer e entretenimento que permitam um desprendimento do trabalho.

Como dito antes no caso das tradutoras, a divisão e repasse de trabalhos é um ponto em comum entre os entrevistados. Pode-se enxergar isso como uma forma de resistência à intensificação do trabalho nesse cenário, assim como o Advogado 1 diz:

“Mas enfim, hoje, pra não acontecer isso de ter que trabalhar 10 ou 12 horas num dia, eu já tô negando alguns tipos de trabalho, repassando pra alguns colegas [...] Então esse trabalho todo às vezes eu deixo para o estagiário. E daí sim, é daí que eu tiro o meu tempo específico de lazer.”

A partir disso, nota-se que as redes são fundamentais nas relações entre esses autônomos, principalmente como estratégia de resistência a um trabalho volumoso e intenso. O contato

interpessoal ou até mesmo a contratação de profissionais, como no caso do Advogado 1, é uma realidade comum entre os entrevistados.

Entretanto, o tempo de lazer proporcionado por esse tipo de estratégia, além da própria flexibilidade que permite determinar esse tempo, acaba, por vezes, sendo um tempo também de ordem racional econômica. Como visto, o capital humano caracteriza-se por qualificações subjetivas que agregam valor aos próprios serviços da pessoa, e é necessário manter-se em constante atualização e aprendizagem. Dessa forma, muitas vezes, os tempos de não trabalho acabam se conectando ainda às atividades laborais, como afirma a tradutora 3:

“Porque quando eu não tô trabalhando, ou eu tô lendo alguma coisa, eu tô assistindo alguma série, porque eu... Apesar de gostar bastante de séries, eu acho que boa parte é trabalho também, porque eu tô ali, não uso legenda nem nada, então eu tô treinando ali o meu ouvido, tô mantendo a minha capacidade de ler. Tô aprendendo termos novos. Então também tem esse lado. O meu lazer nunca é só lazer.”

Além disso, a associação do trabalho autônomo com a formação de redes e laços, muitas vezes, não permite um total desprendimento das atividades, mesmo em períodos de não trabalho. A conectividade, permeada pelas TIC's, ainda permanece mesmo no período de lazer, tendo em vista a instabilidade das relações de serviços com os clientes. É preciso estar atento e disponível para eventuais problemas e chamadas, com o intuito de não perder clientes.

Nesse sentido, apresenta-se uma maior dificuldade de dissociação de esferas e tempos de trabalho e não trabalho, exigindo desses trabalhadores uma disponibilidade quase constante. Permanece também uma constante preocupação que permeia este tipo de trabalho autônomo dependente de redes. A vida passa a ser regida pela lógica racional econômica, com os tempos e espaços sendo utilizados em torno do trabalho. É a vida tornando-se um capital, além do próprio indivíduo.

### **Considerações finais**

Este trabalho buscou responder, em contexto de trabalho imaterial, quais os impactos que as transformações ocorridas na esfera laboral e no sistema capitalista como um todo, a partir da década de 1970, acarretam para os indivíduos inseridos em trabalhos autônomos. A partir disso, instigou-se compreender as formas de resistências associadas ao lazer que os sujeitos pesquisados desenvolvem frente à intensificação e prolongamento da jornada de trabalho.

As análises permitiram verificar que estas mudanças laborais vêm carregadas de novas formas de sociabilidades, modificando fronteiras de tempos e espaços de trabalho. Os saberes, o RECONFIGURAÇÕES DO CAPITALISMO E DO TRABALHO...| *Pedro Dionizio de Mello* | *Rafael Ferrari da Silva* 95

autoempreendedorismo, a flexibilidade, as TIC's e as redes são formas características deste tipo de trabalho, que acabam por influenciar o estilo de vida e também o lazer. Devido a esses fatores, os sujeitos encontram-se mais envolvidos subjetivamente com seu trabalho, dificultando um desprendimento para si próprio por meio do lazer.

Apesar de ter provocado, com efeito, efeitos colaterais (como, por exemplo, pressões crescentes com relação à produção, aumento do ritmo da jornada de trabalho e acúmulo de atribuições e responsabilidades dos trabalhadores, além da flexibilidade de alterar e encerrar contratos, dando margem a demissões), a reestruturação produtiva trouxe, por outro lado, as condições para a valorização de atividades produtivas que requerem maior treinamento, instrução, formação escolar e operações que envolvem maior uso de tarefas mentais em detrimento de atividades rotineiras e simplificadas.

A partir do suporte teórico adotado – Gorz, Negri & Lazzarato e Camargo –, pode-se dizer que os novos paradigmas da esfera laboral complexificaram as formas de dominação, expandindo-a para além de tempos e espaços tradicionais, como a fábrica. Agora, os dispositivos de controle alongam-se para a vida cotidiana, fora do expediente, penetrando na própria subjetividade dos sujeitos. Mecanismos típicos da racionalidade econômica, como o aumento do ritmo da jornada de trabalho, o acúmulo de responsabilidades e compromissos, são agora cada vez mais incutidos de forma sutil, dissolvendo as fronteiras entre trabalho e lazer. A exploração pelo viés marxista se complexifica, tornando o próprio trabalhador uma espécie de autoexplorado. Nesse sentido, se faz necessário uma (re)adaptação do olhar sociológico para tempos e espaços de não trabalho, ou seja, um olhar que compreenda o cotidiano como um todo, captando novas subjetividades e ideologias atuais.

Esses achados empíricos de pesquisa são ainda incipientes e certamente precisariam ser investigados de maneira mais aprofundada para responder mais detalhadamente aos questionamentos envolvendo trabalho imaterial e novas formas de dominação e resistência na contemporaneidade. Numa agenda de pesquisa futura, caberia ampliar o universo de pesquisa, abordando outras ocupações profissionais situadas no contexto de trabalho imaterial. O tema vem ganhando cada vez mais importância na agenda pública brasileira com as recentes modificações na correlação de forças entre capital e trabalho, o que vem ensejando cada vez mais pressões de grupos de interesses por reformas na esfera laboral.

## **Referências**

AMORIM, Henrique. As Teorias do Trabalho Imaterial: uma reflexão crítica a partir de Marx. *Caderno CRH*, Salvador, v. 27, n. 70, p. 31-45, Jan./Abr. 2014.

ANJOS, Maria Anita dos; MOISÉS, Farah JR. *Coleção Gestão Empresarial 1: Economia brasileira*. Curitiba: Gazeta do Povo, 2002.

Bell, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOLOGNA, Sergio. Durée du travail et post-fordisme. *Multitudes*. Septembre, 1996. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/>. Acessado em: 15/5/2018.

CAMARGO, Sílvio. *Trabalho imaterial e produção cultural: a dialética do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede [A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1]*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

GORZ, André. *O imaterial: Conhecimento, Valor e Capital*. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. (2004), “Économie de la connaissance, exploitation des saviors”. Entrevista realizada por Yann Moulier Boutang et Carlo Vercellone. *Multitudes*, 15. Disponível em <http://www.multitudes.samizdat.net>

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996. p.27-79.

KRUSE, Tulio. Economia criativa cresce acima da média no Brasil. *Estadão*, São Paulo. 10/07/2018. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,economia-criativa-cresce-acima-da-media-no-brasil,70002396326>>. Acesso em 15 fev. 2018

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

MASI, Domenico De. *A Economia do Ócio*. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda, 2001.

RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia*. São Paulo: Makron Books, 2001.

SPINK, Mary; LIMA, Helena. *Rigor e Visibilidade*. Rio de Janeiro: Editora Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2013.

YÚDICE, George. Las industrias culturales: más allá de la lógica puramente económica, el aporte social. *Pensar Iberoamérica*, Madri: OEI, n. 1, 2002.

**Recebido em:** 18 de outubro de 2018

**Aceito em:** 16 de janeiro de 2019